ÁREA TEMÁTICA: Gestão de pessoas – Enangrad Junior

O DESPERTAR DA LITERACIA FINANCEIRA: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO E DOS VIESES COMPORTAMENTAIS NAS DECISÕES DE JOVENS

Resumo
Este estudo analisa a percepção de 73 universitários sobre como a educação financeira e fatores psicológicos influenciam suas decisões de investimento e gestão de recursos. A pesquisa utilizou uma abordagem de campo com coleta de dados via questionário digital e análise estatística descritiva e correlacional, validada pelo teste de confiabilidade de Cronbach. Os resultados demonstram que, embora os estudantes possuam segurança no planejamento de seus orçamentos pessoais, apresentam uma lacuna significativa de conhecimento sobre o funcionamento do mercado de capitais. Identificou-se que a aversão à perda é o fator emocional predominante e que a insegurança técnica frequentemente impulsiona o comportamento de seguir tendências coletivas em busca de proteção. Conclui-se que a autonomia econômica plena desses jovens requer a integração entre o saber técnico e o autoconhecimento emocional, permitindo que neutralizem falhas de julgamento e façam escolhas mais estratégicas e seguras diante da volatilidade do mercado.
Palavras-chave: Comportamento Financeiro. Educação Financeira. Vieses Comportamentais.

Abstract
This study analyzes the perception of 73 university students regarding how financial education and psychological factors influence their investment decisions and resource management, The research utilized a field-study approach with data collection through a digital questionnaire and descriptive and correlational statistical analysis, validated by Cronbach's alpha reliability test. The results demonstrate that, although students possess security in personal budget planning, they present a significant knowledge gap regarding the functioning of the capital market, It was identified that loss aversion is the predominant emotional factor and that technical insecurity frequently drives herd behavior in search of protection. The study concludes that the full economic autonomy of these young adults requires the integration of technical knowledge and emotional self-awareness, allowing them to neutralize judgment biases and make more strategic and secure choices in the face of market volatility.
Keywords: *Financial Behavior; Financial Education; Behavioral Biases.*

1. Introdução

No alvorecer do século XXI, a educação financeira tornou-se um pilar estratégico nas agendas educacionais globais, reconhecida Sabino (2024) como uma ferramenta para a transformação pessoal e mitigação de

vulnerabilidades socioeconômicas. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2020), a educação financeira é mais do que mera transmissão de informações, é um processo de aprimoramento da compreensão de produtos e riscos, visando desenvolver competências para decisões acertadas e fortalecer a capacidade de agir.

No cenário brasileiro, contudo, observa-se um hiato persistente entre o conhecimento financeiro e as práticas cotidianas. Esse déficit reflete níveis alarmantes de endividamento e preparo inadequado para a gestão de recursos. Ribas (2023) enfatiza que a alfabetização financeira técnica não necessariamente tem um impacto linear no comportamento do consumidor ou no planejamento de longo prazo. Essa evidência sugere que focar apenas em conceitos matemáticos é insuficiente para garantir mudanças estruturais nos hábitos, ressaltando a necessidade de abordagens que incorporem as dimensões psicológica e social do indivíduo.

A vulnerabilidade de conhecimento financeiro é particularmente acentuada na faixa etária mais jovem. Segundo a OCDE (2020), indivíduos de 18 a 29 anos apresentam pior nível de alfabetização financeira e atitudes financeiras em comparação com outras faixas etárias. Embora demonstrem comportamento sensato em certos contextos, carecem de capacidade analítica para navegar em mercados complexos. Essa lacuna é exacerbada no Brasil por um sistema educacional que historicamente negligenciou a economia prática em seu currículo, deixando os jovens expostos à volatilidade do mercado contemporâneo, especialmente no contexto dos investimentos digitais.

A ascensão das plataformas digitais de investimento destaca a necessidade urgente de investigar como os jovens investidores brasileiros percebem e atuam nesse ecossistema. A eficácia das decisões financeiras desse grupo reside não apenas na compreensão de mecanismos como juros compostos ou diversificação em carteira, mas também na identificação de vieses cognitivos e no gerenciamento das emoções durante o processo decisório. As instituições de ensino superior desempenham um papel fundamental na redução da lacuna entre a teoria contábil e a prática financeira. Essas instituições podem preparar os jovens para um papel mais assertivo, seguro e resiliente no mercado financeiro global, fomentando uma cultura de investimento consciente e o uso estratégico da tecnologia.

Considerando o hiato de conhecimento financeiro e a adoção de práticas de consumo de risco entre jovens, a presente pesquisa orienta-se pela seguinte questão: Como os jovens universitários percebem a influência da educação financeira e dos fatores comportamentais em seu processo de tomada de decisão sobre gestão de finanças e investimentos? Possui como objetivo geral analisar, por meio de uma consulta opinativa, a percepção de jovens universitários sobre como o nível de educação financeira e os fatores comportamentais impactam suas decisões e alocação de ativos. Como especificidade, o estudo pretende: i. verificar a percepção dos jovens sobre o seu próprio comportamento financeiro, confrontando as opiniões colhidas com os conceitos teóricos das finanças comportamentais; e ii. identificar, sob a ótica dos respondentes, os principais fatores cognitivos e emocionais que eles reconhecem como influenciadores em suas decisões de gestão financeira e investimentos.

A importância deste estudo decorre da necessidade de investigar a alocação eficiente de recursos e a tomada de decisões estratégicas em finanças pessoais. De acordo com Castro, Alves e Grigoletto (2021), o planejamento financeiro pessoal estabelece um vínculo de responsabilidade que permite aos indivíduos gerenciar fluxos de caixa e contribuições de capital, visando não apenas otimizar a situação financeira atual, mas também mitigar vulnerabilidades futuras.

Segundo essa teoria, o sucesso ou fracasso econômico de um indivíduo está diretamente relacionado à qualidade de sua gestão financeira. Consequentemente, o comportamento do agente tem um papel direto na determinação dos resultados. Nesse cenário, informações insuficientes e falta de alfabetização financeira criam riscos sistêmicos para jovens investidores. O conhecimento técnico serve como um mecanismo de defesa contra patologias de mercado, como esquemas de pirâmide financeira e fraudes que exploram a promessa ilusória de alta lucratividade e baixo risco.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Educação financeira e seus vieses comportamentais

A educação financeira convencional é tradicionalmente definida pela disseminação de aparatos teóricos voltados à gestão de recursos, abrangendo tópicos como orçamento, poupança, juros, inflação e investimentos (Marques, 2025). No entanto, conforme preconizado pela OCDE (2020), esse processo transcende a mera transmissão informativa, configurando-se como um mecanismo de aprimoramento da compreensão de riscos e produtos para o fortalecimento da capacidade decisória e da estabilidade financeira. Sabino (2024) corrobora essa visão ao posicionar a educação financeira como um pilar estratégico para a transformação pessoal e a mitigação de vulnerabilidades socioeconômicas. Nesse sentido, Wisniewski (2011) e Sousa e Galvão Júnior (2020) defendem que o domínio técnico de variáveis macroeconômicas e do planejamento orçamentário é imperativo para a prevenção do superendividamento e a promoção da inclusão no mercado de capitais.

Contudo, a literatura contemporânea adverte que o letramento técnico isolado não garante a alteração estrutural de hábitos, evidenciando um hiato persistente entre o conhecimento teórico e as práticas cotidianas. Silva (2025) argumenta que a eficácia da literacia financeira, especialmente entre jovens, reside na simbiose entre o conhecimento técnico das finanças tradicionais e a autocompreensão emocional advinda das finanças comportamentais. Rogers, Favato e Securato (2008) reforçam que a instrução puramente racional possui eficácia restrita se as limitações psicológicas não forem integradas ao processo, visto que a plena autonomia econômica deriva da convergência entre o domínio de instrumentos de gestão e o entendimento dos processos cognitivos que orientam a mente humana.

Sob o prisma das finanças comportamentais, que contestam a Hipótese de Mercados Eficientes, reconhece-se que os agentes econômicos são influenciados por elementos emocionais e sociais, resultando em decisões frequentemente inconsistentes ou distantes da racionalidade plena. A Teoria

do Prospecto, desenvolvida por Kahneman e Tversky (1979), demonstra que o processo decisório é mediado por vieses cognitivos, molduras mentais que provocam erros sistemáticos de julgamento. Entre os padrões comportamentais identificados na literatura que impactam severamente a gestão financeira juvenil, destacam-se, conforme Silva (2025):

Quadro 1 - Padrões comportamentais

Padrões comportamentais	Descrição
Aversão à Perda	Manifesta-se pela propensão a experimentar a dor de uma perda financeira de forma significativamente mais intensa do que o prazer de um ganho equivalente, o que induz a escolhas excessivamente conservadoras ou à hesitação diante de novos investimentos.
Excesso de Confiança	Ocorre quando o indivíduo superestima suas próprias competências analíticas para prever movimentos de mercado ou administrar recursos, acreditando poder superar médias históricas.
Efeito Manada	Traduz-se na tendência de mimetizar o comportamento da maioria em busca de aceitação social ou segurança percebida, o que pode distorcer a percepção individual de risco e retorno.
Heurística de Ancoragem	Caracteriza-se pelo apego excessivo a uma informação inicial (como um preço histórico ou padrão de consumo prévio) para subsidiar decisões futuras, negligenciando novas evidências.

Fonte: Silva (2025).

Diante da influência preponderante dos fatores psicológicos, torna-se indispensável que a abordagem convencional da educação financeira seja expandida, incorporando componentes que considerem o comportamento humano no processo decisório. A integração de competências técnicas com o controle emocional permite uma visão holística das finanças, auxiliando os indivíduos na identificação de suas próprias limitações cognitivas e emocionais. Nesse contexto, a educação financeira assume um papel estratégico e reflexivo, superando o caráter meramente informativo para promover o desenvolvimento de habilidades críticas. Conforme defende Olivieri (2013), a valorização da aprendizagem vivencial e a combinação entre teoria e prática constituem o método mais eficaz para formar cidadãos financeiramente conscientes, resilientes à volatilidade do mercado e aptos a realizar escolhas assertivas ao longo da vida.

2.2 Finanças comportamentais

As finanças comportamentais consolidam-se como um campo interdisciplinar que integra princípios da economia e da psicologia para elucidar como variáveis emocionais, cognitivas e sociais moldam as decisões financeiras (Araujo, 2024). Assim, Moreira (2022) diferentemente da teoria financeira convencional fundamentada na hipótese de mercados eficientes e na premissa da racionalidade plena dos agentes, esta perspectiva reconhece que as escolhas econômicas são frequentemente subótimas, inconsistentes e distantes da lógica puramente matemática.

Para o público jovem, a mitigação desses erros depende da simbiose entre o domínio técnico e a autocompreensão comportamental, assim Silva (2025) argumenta que a formação financeira, quando integrada ao autoconhecimento, potencializa a capacidade analítica e reduz a impulsividade

frente aos desafios econômicos cotidianos. Complementarmente, Olivieri (2013) enfatiza a importância da aprendizagem vivencial, sustentando que a prática permite ao indivíduo processar a situação de forma holística, e não meramente intelectual, consolidando a experiência como a demonstração real do aprendizado.

Apesar de ampliar a compreensão do comportamento humano, as finanças comportamentais enfrentam críticas quanto à sua capacidade de prever escolhas de forma consistente, dada a volatilidade dos vieses que se alteram conforme o contexto e a experiência do agente. A subjetividade intrínseca aos aspectos psicológicos dificulta a construção de modelos universais que possuam a mesma precisão estatística e matemática dos pressupostos tradicionais.

As finanças comportamentais estabelecem-se como uma abordagem complementar, proporcionando uma perspectiva multidimensional sobre a tomada de decisão. Como destacam Rogers, Favato e Securato (2008), o processo decisório é um campo onde razão e emoção interagem continuamente. Portanto, a integração da teoria econômica com o comportamento humano representa um avanço estratégico na educação financeira, permitindo que jovens investidores identifiquem suas limitações e realizem escolhas mais equilibradas, conscientes e resilientes à volatilidade do mercado.

3. Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza aplicada, pois busca gerar conhecimentos voltados à solução de problemas práticos no campo da educação financeira juvenil. Quanto aos fins, classifica-se como uma pesquisa de campo, fundamentada na observação e coleta de dados diretamente com o objeto de estudo para descobrir fenômenos e relações entre variáveis (Lakatos; Marconi, 2017). Adota-se uma abordagem quali-quantitativa, combinando a objetividade da mensuração estatística com a profundidade da análise qualitativa para compreender as motivações por trás das decisões financeiras (Gil, 2002). Em termos de objetivos, a pesquisa é descritiva, visando identificar e relatar as características do nível de literacia financeira e a incidência de vieses comportamentais na amostra estudada (GIL, 2002).

O universo da pesquisa compreende 121 alunos matriculados no curso de Administração. A amostragem é não probabilística por conveniência, técnica adequada para estudos que buscam compreensão qualitativa e possuem facilidade de acesso aos participantes (Gil, 2002). Para garantir o rigor estatístico, utilizou-se a fórmula para populações finitas, considerando um nível de confiança de 95% (Z=1,96) e uma margem de erro de 7,6% (e=0,076). Considerando-se N=121, Z=1,96, p=0,5 e e=0,076, obteve-se um tamanho amostral de 70 respondentes, meta estabelecida para garantir a representatividade dos dados coletados.

A coleta de dados será realizada por meio de questionário estruturado digital elaborado no *Google Forms* e encaminhado via *e-mail* e *WhatsApp*. A aplicação desse instrumento justifica-se por sua capacidade de uniformizar respostas, garantir anonimato e permitir que o participante responda em seu

próprio tempo (Lakatos; Marconi, 2017). Conforme as diretrizes éticas nacionais, a aplicação do questionário não necessita de submissão prévia ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que se enquadra na categoria de pesquisa de opinião pública. Segundo a Resolução CNS n.º 510, de 2016, em seu artigo 2º, inciso XIV, pesquisa de opinião pública consiste em consulta verbal ou escrita de caráter pontual, realizada por meio de metodologia específica, na qual o participante é convidado a expressar sua preferência, avaliação ou o sentido que atribui a temas, atuação de pessoas e organizações, produtos e serviços, sem possibilidade de identificação do participante.

O instrumento de pesquisa está organizado em blocos temáticos fundamentados nos trabalhos de Silva G. (2025), Silva J. (2025) e Costa (2023). O Bloco A, denominado Autopercepção e Conhecimento, avalia o nível de contato e confiança dos jovens com temas financeiros, inspirando-se na escala de percepção de conhecimentos proposta por Costa (2023). O Bloco B, intitulado Atitude e Vieses Comportamentais, explora a incidência de aversão à perda, excesso de confiança, efeito manada e ancoragem, utilizando situações hipotéticas baseadas nos conceitos e experimentos de Daniel Kahneman (2012), seguindo a estrutura de investigação de vieses proposta por Silva G. (2025) e o teste de tomada de decisão desenvolvido por Silva J. (2025). Já os Blocos C e D, referentes ao Perfil de Investidor e Barreiras, identificam as modalidades de ativos preferidas e os principais obstáculos para investir, tomando como referência o mapeamento de tipos de investimentos apresentado por Costa (2023).

Inicialmente, as respostas coletadas passarão por um processo de depuração e verificação de consistência interna, sendo excluídos os registros que apresentarem incoerências, conforme o rigor metodológico utilizado por Silva G. (2025). Além disso, será realizada a validação de consistência interna do instrumento por meio do coeficiente Alfa de Cronbach, técnica amplamente utilizada para verificar a confiabilidade das escalas e a consistência das variáveis investigadas. Em seguida, os dados nominais serão codificados em valores numéricos para possibilitar o processamento estatístico, como, por exemplo, a atribuição de Sim = 1 e Não = 0, facilitando a organização em bancos de dados digitais. Posteriormente, serão aplicadas técnicas de estatística descritiva, como distribuição de frequência e percentagem, permitindo sintetizar grandes volumes de dados em tabelas e gráficos, possibilitando a visualização de padrões e tendências (Assumpção; et al., 2018), com auxílio do *software* JASP. Para as escalas de percepção do tipo Likert, serão calculadas medidas de tendência central e dispersão, como média, moda, mediana e desvio padrão, também por meio do JASP, possibilitando identificar os valores típicos de concordância e o grau de heterogeneidade das respostas na amostra, técnica amplamente utilizada na análise dos resultados de Silva G. (2025). Por fim, os resultados estatísticos serão confrontados com a literatura de Finanças Comportamentais e a Teoria do Prospecto, buscando correlacionar a presença de vieses cognitivos com o nível de educação financeira dos participantes, a fim de compreender como esses fatores influenciam a tomada de decisão.

4. Análise e Discussão dos Resultados

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado digital aplicado via *Google Forms*, distribuído por *e-mail* e *WhatsApp*. A amostra final consistiu em 73 respondentes (superando a meta inicial de 70), todos alunos do curso de Bacharelado em Administração de um Instituto Federal.

Com intuito de obter um índice agregado de alto conhecimento ou forte concordância, utilizou-se a soma das respostas nos níveis 4 e 5, permitindo identificar a predominância de fatores como a aversão à perda ou o nível de literacia financeira. Por fim, para a análise global dos blocos temáticos, as contagens por nível foram somadas e convertidas em porcentagem em relação ao total de respostas, fornecendo uma visão consolidada da percepção dos jovens universitários sobre seu comportamento e decisões de investimento. Aplicou-se ainda o teste Alfa de Cronbach para verificar a confiabilidade das respostas.

A amostra de 73 alunos do curso de Administração apresenta níveis distintos de segurança quanto aos conceitos fundamentais de finanças, medidos em uma escala de 1 a 5 (Tabela 1).

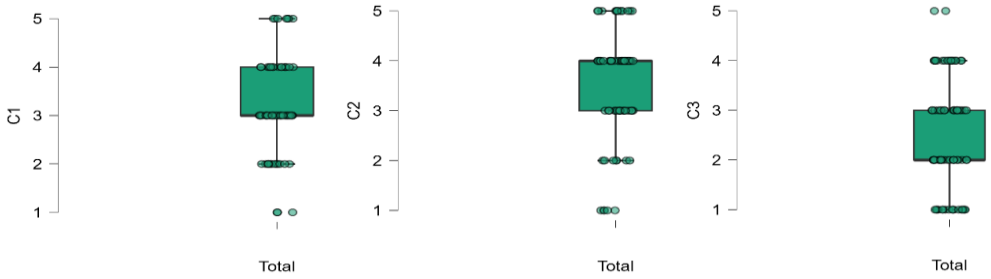
Tabela 1 – Percepção do conhecimento básico financeiro

	C1	C2	C3
Valid	73	73	73
Mode	3.000	4.000	2.000
Median	3.000	4.000	2.000
Mean	3.123	3.548	2.507
Std. Deviation	0.971	1.106	1.144
Minimum	1.000	1.000	1.000
Maximum	5.000	5.000	5.000

Fonte: dados da pesquisa, 2026.

No que tange ao conhecimento básico (C1-C3), observa-se que a maior competência reside no planejamento de orçamento pessoal (C2), que apresentou média de 3,548 e moda 4,000, indicando que os alunos possuem segurança na gestão de fluxos de caixa. Em contrapartida, o funcionamento do mercado de capitais (C3) é o ponto de maior vulnerabilidade, com média de 2,507 e moda 2,000. Essa disparidade corrobora a literatura de que jovens, embora sensatos em contextos domésticos, carecem de capacidade analítica para navegar em ambientes financeiros de maior volatilidade. Corroborando à figura 1, o gráfico 1 ilustra em *boxplot* as disparidades das respostas.

Gráfico 1– Autoidentificação de perfil de investidor (C1– C3)



Fonte: dados da pesquisa, 2026.

A variável C2 (Planejamento de Orçamento Pessoal) destaca-se com a maior média (3,548) e mediana (4,000), refletindo-se no *boxplot* como uma

concentração de respostas na zona de maior segurança, o que sugere que os jovens universitários se sentem aptos a gerir fluxos de caixa imediatos. Em contrapartida, o funcionamento do mercado de capitais (C3) apresenta a menor média (2,507) e mediana (2,000), com o gráfico *boxplot* nitidamente deslocado para a base da escala, confirmando a literatura de que este público carece de capacidade analítica para operar em mercados de maior complexidade. Essa carência técnica é um fator cognitivo crítico, pois a matriz de correlação demonstra que o baixo conhecimento em C3 possui uma relação positiva (0,358) com o efeito manada (I6), indicando que a insegurança técnica empurra o jovem para a mimetização de comportamentos coletivos em busca de proteção percebida. Por fim, a variável C1 (Juros e Inflação) apresenta uma distribuição equilibrada (mediana 3,000), servindo como um ponto de equilíbrio moderado, mas ainda insuficiente para garantir uma autonomia financeira plena diante da volatilidade do mercado contemporâneo.

A disparidade entre a segurança no planejamento de orçamento pessoal (C2, média 3,548) e a fragilidade no mercado de capitais (C3, média 2,507) reflete as observações da OCDE (2020), que aponta que indivíduos entre 18 e 29 anos demonstram comportamento sensato em contextos cotidianos, mas carecem de capacidade analítica para navegar em ambientes financeiros de maior complexidade. Conforme defendem Wisniewski (2011) e Sousa e Galvão Júnior (2020), o domínio técnico de variáveis orçamentárias é o primeiro passo para a prevenção do endividamento, o que parece estar presente na base educacional dos estudantes de Administração.

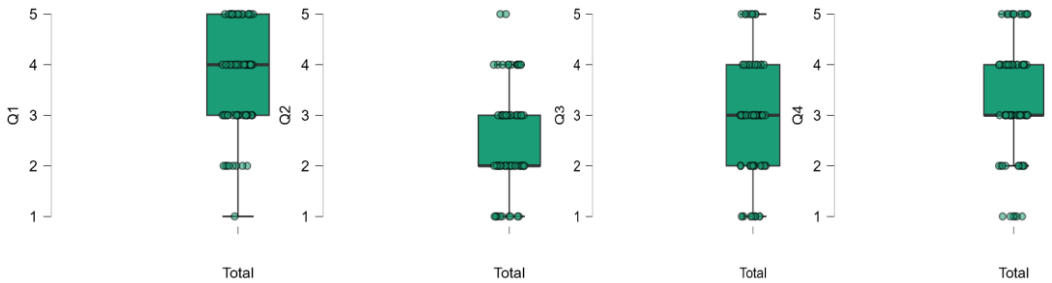
No que se refere aos vieses comportamentais, a figura 2 e gráfico 2, ilustra as variáveis Q1 a Q4, permite identificar como os fatores psicológicos e emocionais moldam as decisões financeiras dos 73 universitários da amostra.

Tabela 2 – Atitude e vieses comportamentais

	Q1	Q2	Q3	Q4
Valid	73	73	73	73
Mode	3.995	2.001	2.962	3.000
Median	4.000	2.000	3.000	3.000
Mean	3.712	2.548	2.877	3.260
Std. Deviation	1.020	1.014	1.224	1.155
Minimum	1.000	1.000	1.000	1.000
Maximum	5.000	5.000	5.000	5.000

Fonte: dados da pesquisa, 2026.

Gráfico 2 – Médias dos vieses comportamentais (Q1 a Q4)



Fonte: dados da pesquisa, 2026.

A análise das atitudes e vieses (Q1-Q4) destaca a Aversão à Perda (Q1) como o fator mais relevante, com média de 3,712 e mediana 4,000. Esse dado valida a Teoria do Prospecto, onde a dor da perda supera o prazer do ganho, apresentando correlação de 0,45 com a autopercepção dos estudantes (I4). O Efeito Manada (Q3), embora apresente média moderada (2,877), possui a correlação mais expressiva do estudo (0,58) com a identificação como seguidor de tendência (I6). Segundo Silva (2025), essa mimetização busca segurança social, podendo distorcer análises técnicas. A Ancoragem (Q4) obteve média de 3,260, indicando influência de preços passados nas decisões. Em contrapartida, o Excesso de Confiança (Q2) registrou os menores índices (média 2,548; mediana 2,000), sugerindo que a formação em Administração promove a prudência analítica. No entanto, a correlação de 0,52 com a autoconfiança declarada (I5) sinaliza que esse viés é marcante para um subgrupo específico.

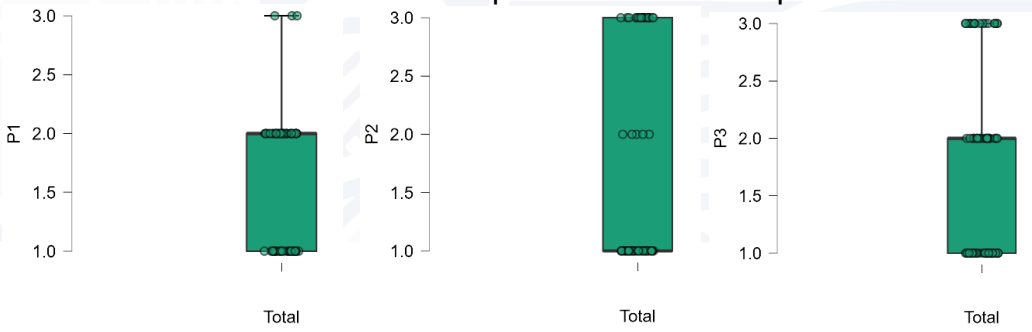
As variáveis P1 a P3, que compõem o bloco de Perfil e Decisão, oferece uma visão quantitativa sobre como os 73 universitários se posicionam no mercado financeiro e quais obstáculos percebem em sua trajetória de investimento. A figura 3 e gráfico 3, ilustra a análise descritiva das variáveis.

Tabela 3 – Análise descritiva do perfil e decisão

	P1	P2	P3
Valid	73	73	73
Mode	2.000	1.001	1.001
Median	2.000	1.000	2.000
Mean	1.658	1.589	1.767
Std. Deviation	0.558	0.879	0.791
Minimum	1.000	1.000	1.000
Maximum	3.000	3.000	3.000

Fonte: dados da pesquisa, 2026.

Gráfico 3 – Gráficos Boxplot referente as respostas P1-P3



Fonte: dados da pesquisa, 2026.

A amostra identifica-se majoritariamente como moderada (P1, moda 2,0) e utiliza massivamente plataformas digitais (P2, moda 1,0) para facilitar a gestão financeira. Entretanto, a falta de dinheiro e a carência de conhecimento técnico (P3) permanecem como as principais barreiras para o ingresso no mercado de investimentos. A autonomia econômica plena desses estudantes depende da integração entre a literacia técnica e o autoconhecimento

emocional, permitindo neutralizar vieses cognitivos em favor de escolhas mais estratégicas e resilientes à volatilidade do mercado.

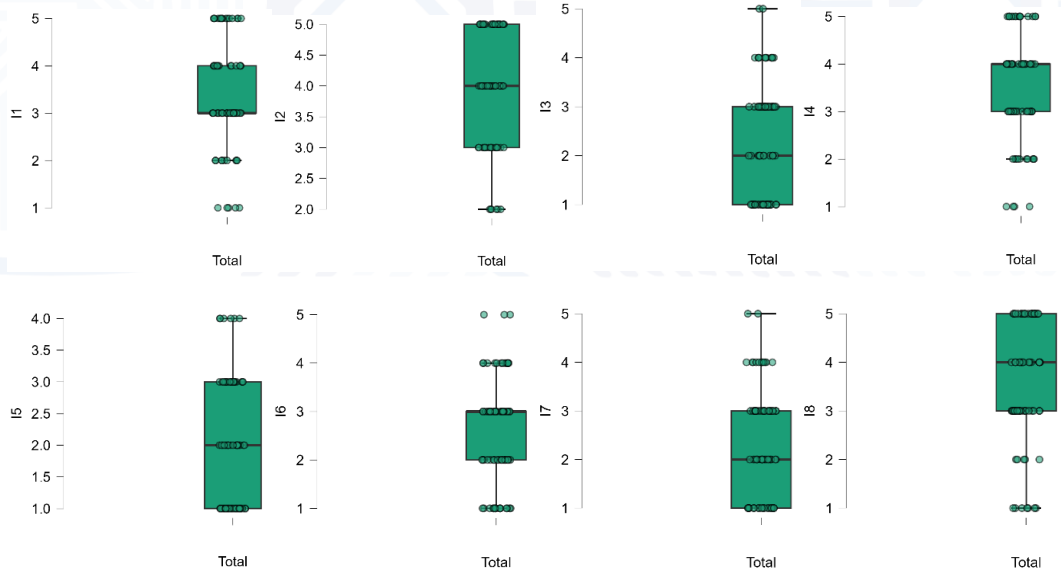
A análise do bloco de Autoidentificação de Perfil e Comportamento (I1 a I10) tabela 4 e gráfico 4, revela que os universitários se percebem majoritariamente como estrategistas e usuários intensivos de tecnologia. O perfil de "Planejador de Longo Prazo" (I9) obteve a maior relevância estatística da amostra, registrando a maior média (4,055) e uma moda expressiva de 4,998, indicando que os estudantes acreditam que suas decisões são focadas em objetivos futuros. Essa percepção é acompanhada por uma forte identificação com o perfil "Moderado" (I2, média 3,918) e com a gestão financeira via plataformas "Digitais/Tecnológicas" (I8), cuja moda atingiu o patamar de 4,877. Em contrapartida, os perfis "Autoconfiante" (I5) e "Arrojado" (I3) apresentaram as menores médias (2,027 e 2,301, respectivamente), demonstrando que o grupo não se considera detentor de uma capacidade de previsão superior à média e possui baixa tolerância a perdas bruscas em busca de altos retornos.

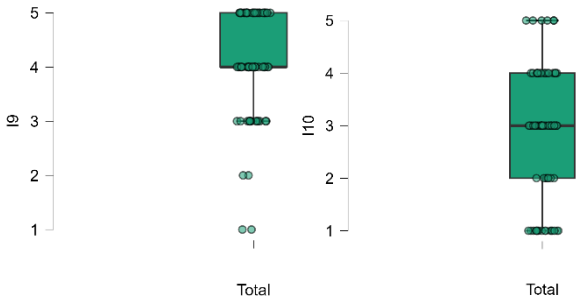
Tabela 4 – Análise descritiva da autoidentificação de perfil e comportamento

	Valid	*Mode*	*Median*	*Mean*	*Std. Deviation*	*Minimum*	*Maximum*
I1	73	3.000	3.000	3.342	1.145	1.000	5.000
I2	73	4.007	4.000	3.918	0.954	2.000	5.000
I3	73	1.049	2.000	2.301	1.198	1.000	5.000
I4	73	4.000	4.000	3.521	1.144	1.000	5.000
I5	73	1.024	2.000	2.027	1.000	1.000	4.000
I6	73	2.999	3.000	2.616	1.126	1.000	5.000
I7	73	2.958	2.000	2.438	1.130	1.000	5.000
I8	73	4.877	4.000	3.589	1.267	1.000	5.000
I9	73	4.998	4.000	4.055	0.970	1.000	5.000
I10	73	3.055	3.000	2.822	1.251	1.000	5.000

Fonte: dados da pesquisa, 2026.

Gráfico 4 – Gráficos boxplot referente as respostas I1 – I10





Fonte: dados da pesquisa, 2026.

A análise das correlações entre o bloco de Perfil e Decisão (P1-P3) e a Autoidentificação (I1-I10) (Tabela 5) confirma a consistência estatística das respostas, destacando que os universitários possuem uma autopercepção alinhada às suas escolhas declaradas. Observa-se uma correlação positiva de 0,385 entre o perfil de investidor (P1) e a autoidentificação como Arrojado (I3), enquanto o perfil Conservador (I1) apresenta uma correlação negativa de -0,379, o que valida que, à medida que o aluno se identifica com maior apetite ao risco, sua classificação como conservador diminui proporcionalmente.

Tabela 5 – Correlação entre perfil e decisão e a autoidentificação de perfil e comportamento

	P1	P2	P3	I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10
P1	1,00	-0,06	0,01	-0,38	-0,05	0,39	-0,02	0,12	0,23	-0,05	0,13	0,04	-0,17
P2		1,00	0,06	-0,04	-0,16	0,16	-0,09	-0,07	-0,04	0,02	-0,22	-0,14	0,11
P3			1,00	-0,06	-0,03	0,02	0,06	-0,19	-0,16	-0,04	-0,03	-0,24	-0,07

Fonte: dados da pesquisa, 2026.

Já a tabela 6, mostra que o domínio do mercado de capitais (C3) correlaciona-se positivamente com a autoconfiança (I5, 0,34), o que eleva a percepção individual de competência analítica. Paradoxalmente, C3 também registra a maior correlação com a identificação como seguidor de tendência (I6, 0,358), evidenciando que o conhecimento técnico não anula o efeito manada. O planejamento de orçamento pessoal (C2) vincula-se ao perfil moderado (I2, 0,214) e à mimetização de comportamentos coletivos (I6, 0,283) em busca de segurança. A compreensão de juros e inflação (C1) apresenta uma correlação negativa tênue com a aversão à perda (I4, -0,121), sinalizando um impacto emocional reduzido.

Tabela 6 – Correlação entre conhecimento básico de finanças e a autoidentificação de perfil e comportamento

	C1	C2	C3	I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10
C1	1	0,56	0,57	-0,06	0,07	0,15	-0,12	0,13	0,21	$6{,}93\times10^{-4}$	0,09	-0,10	-0,01
C2		1	0,58	0,01	0,21	0,08	-0,10	0,18	0,28	0,01	0,09	-0,08	0,15
C3			1	-0,10	0,10	0,08	0,05	0,34	0,36	0,05	0,01	-0,04	0,08

Fonte: dados da pesquisa, 2026.

A análise das correlações entre as atitudes e vieses comportamentais (Q1 a Q4) e a autoidentificação de perfil (I1 a I10) revela uma forte consistência estatística (Tabela 7). A correlação mais expressiva de todo o estudo ocorre entre a atitude de Efeito Manada (Q3) e a autoidentificação como Seguidor de Tendência (I6), com um índice de 0,58. Esse dado sugere que o comportamento de mimetizar a maioria é um traço conscientemente reconhecido pelos estudantes como estratégia de segurança.

Tabela 7 – Correlação entre atitudes e vieses comportamentais e autoidentificação de perfil e comportamento

	Q1	Q2	Q3	Q4	I1	I2	I3	I4	I5	I6	I7	I8	I9	I10
Q1	1	-0,21	-0,22	-0,27	-0,05	0,08	-0,12	0,45	-0,24	-0,24	-0,24	-0,09	-0,19	-0,25
Q2		1	0,31	0,24	-0,12	-0,03	0,29	-0,12	0,52	0,28	0,08	-0,06	0,18	0,01
Q3			1	0,26	0,20	0,11	0,19	-0,05	0,18	0,58	0,14	0,31	-0,06	0,36
Q4				1	0,05	0,15	0,08	-0,22	0,11	0,33	0,26	0,08	-0,03	0,19

Fonte: dados da pesquisa, 2026.

Considerando, a confirmação de confiabilidade, a figura 8, traz a análise do Alfa de Cronbach.

Tabela 8 – Alfa Cronbach

			95% CI	
Coefficient	Estimate	Std. Error	Lower	Upper
Coefficient α	0.688	0.091	0.410	0.767

Note. The following items correlated negatively with the scale: Q1, P2, P3, I4, I9.

Fonte: dados da pesquisa, 2026.

O valor de 0,688 sugere que o questionário possui uma consistência aceitável. Isso significa que, de forma geral, os itens do formulário estão captando o fenômeno pretendido (literacia financeira e vieses), mas ainda há certa dispersão nas respostas. O erro padrão de 0,091 e o intervalo de confiança (0,410 a 0,767) mostram que, em alguns subgrupos da amostra de 73 alunos, a consistência pode variar bastante.

5. Conclusão e Contribuições

A pesquisa investigou como o nível de literacia financeira e os vieses comportamentais moldam as decisões de investimento de 73 universitários, buscando correlacionar o conhecimento técnico à percepção subjetiva de risco. Os resultados, sintetizados por meio de estatística descritiva e matrizes de correlação, revelaram uma proficiência satisfatória em planejamento orçamentário pessoal (C2, média 3,55), contrastando com uma fragilidade crítica no entendimento do mercado de capitais (C3, média 2,51). No campo comportamental, a aversão à perda (Q1, média 3,71) destacou-se como o viés mais proeminente, validando a Teoria do Prospecto de Kahneman e Tversky, enquanto o efeito manada (Q3) apresentou a correlação mais forte do estudo (0,58) com a autoidentificação como seguidor de tendência (I6), indicando que a insegurança técnica impulsiona a busca por segurança no comportamento coletivo.

As conclusões apontam que, embora os jovens se percebam como planejadores de longo prazo (I9, média 4,06) e utilizem massivamente ferramentas digitais (P2), sua autonomia financeira plena é limitada pela carência de conhecimento técnico e pela escassez de recursos (P3). O estudo demonstra que o letramento financeiro isolado não neutraliza comportamentos irracionais, sendo indispensável uma educação que integre competências técnicas ao autoconhecimento emocional para mitigar erros sistemáticos de julgamento. Como sugestão para trabalhos futuros, recomenda-se a expansão da amostra para estudantes de outras áreas além da Administração, visando

comparar perfis interdisciplinares, bem como a realização de estudos longitudinais que avaliem a eficácia de intervenções pedagógicas focadas especificamente na neutralização de vieses cognitivos em tempo real.

Referências

ALVES, Rafael de Oliveira. **Impactos financeiros no comportamento e bem-estar psicológico**: análise dos efeitos das apostas, dívidas e empréstimos consignados no comportamento humano. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuariais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

AMORIM, Klerton Andrade Freitas de *et al*. A influência da educação financeira na inserção dos investidores no mercado de capitais brasileiro: um estudo com discentes da área de negócios. **RACE: Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Joaçaba, v. 17, n. 2, p. 567-590, maio/ago. 2018.

ARAÚJO, Beatriz Visco Mattos Fracassi. **Economia comportamental**: um olhar crítico na decisão financeira do consumidor oriental e ocidental. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuariais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

BARBEDO, Cristiano da Silva. **Finanças comportamentais**: heurísticas e vieses que afetam a tomada de decisão dos investidores no mercado financeiro. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.

CASTRO, Andressa; ALVES, Andrieli; GRIGOLETTO, Daniel. **A Importância da Educação Financeira na formação dos jovens**. Jusbrasil, 2021. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-importancia-da-educacao-financeira-na-formacao-dos-jovens/1301928533. Acesso em: 26 mar. 2026.

COSTA, Samara Fadigas Contrera da. **Educação financeira e criptomoedas**: decisão de investimentos dos estudantes de Ciências Contábeis e Administração. 2023. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Administração e Finanças, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KAHNEMAN, Daniel; TVERSKY, Amos. Prospect theory: An analysis of decision under risk. *In*: **Handbook of the fundamentals of financial decision making**: Part I. [S. l.]: World Scientific, 2013. p. 99-127.

MACHADO, André. **Finanças Comportamentais**: Domine Sua Mente e Conquiste o Controle do Seu Dinheiro. [S. l.]: Viseu, 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARQUES, Julia Eulalia Baldoino. **Educação financeira no Brasil**: um estudo comparativo das legislações estaduais. 2025. Monografia (Graduação em Administração) – Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

MARTINS, Guilherme Amaral. **Motivações dos jovens brasileiros para investir no mercado financeiro**. 2022. Monografia (Bacharel em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

MOREIRA, Fernanda Felippe. **Teoria financeira**: da teoria convencional às finanças comportamentais. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

OECD. **OECD/INFE 2020 International Survey of Adult Financial Literacy**. 2020. Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2020/06/oecd-infe-2020-international-survey-of-adult-financial-literacy_bbad9b27/145f5607-en.pdf. Acesso em: 26 mar. 2026.

OLIVIERI, Maria de Fátima Abud. Educação Financeira. **ENIAC Pesquisa**, Guarulhos, v. 2, n. 1, p. 43-51, jan./jun. 2013.

RIBAS, Eduardo Bosse. **Influência da Educação Financeira no Consumo e Planejamento Financeiro**: uma perspectiva dos discentes do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

RIBEIRO, Guilherme Brandt. **O avanço das fintechs através de um modelo de negócios digital com foco na inovação e sua relação com o público jovem**. 2023. Monografia (Bacharel em Administração) – Escola de

Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

ROGERS, Pablo; FAVATO, Verônica; SECURATO, José Roberto. **Efeito educação financeira no processo de tomada de decisões em investimentos**: um estudo a luz das finanças comportamentais. [S. l.: s. n.], 2008.

SABINO, Gabriel dos Santos. **O papel da educação em finanças e os fatores psicológicos na tomada de decisão financeira por jovens adultos**. 2024. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2024.

SAMPAIO, N. A. S.; ASSUMPÇÃO, A. R. P.; FONSECA, B. B. **Estatística descritiva**. 1. ed. Belo Horizonte: Poison, 2018.

SANCHEZ, Eduardo Horta. **Análise das estratégias de diversificação de portfólio entre investidores individuais**: percepções e práticas no mercado financeiro brasileiro. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuariais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

SILVA, Gabriel Ryan Araújo. **O despertar da mente financeira**: um estudo sobre a influência da educação financeira e das finanças comportamentais nos hábitos e decisões de jovens. 2025. Monografia (Bacharel em Administração) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, João Pessoa, 2025.

SILVA, Jessica Barbosa da. **Conhecimento financeiro e tomada de decisão financeira de estudantes do 3º ano do ensino médio**. 2025. 139 f. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2025.

SOUSA, Caio Láutini Oliveira de; GALVÃO JÚNIOR, Paulo Francisco Monteiro. O impacto da educação financeira nos orçamentos pessoais e para os investidores no Brasil. **Revista Campo do Saber**, v. 6, n. 2, p. 27-44, jul./dez. 2020.

WISNIEWSKI, Marina Luiza Gaspar. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. **Revista Intersaberes**, v. 6, n. 11, p. 155-170, 2011.

ZAMONER, Bruno Pagan. **A relação entre o bem-estar financeiro e o comportamento dos indivíduos**: uma revisão da literatura. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.